

A filosofia de Putnam

Jack Ritchie

O que pode ser dito de definitivo sobre Hilary Putnam é que ele não tem medo de mudar suas idéias. Alguns poderiam pensar que isso é uma indicação de fraqueza: que ele se curva às tendências da moda, em vez de se empenhar na defesa detalhada de suas teorias. Isto seria um erro. Suas mudanças de atitude filosófica sempre surgem a partir de uma profunda reflexão crítica sobre os problemas e suposições de suas próprias visões anteriores. Assim, para entender o que Putnam pensa agora, é vital ver como suas novas perspectivas se desenvolveram a partir das antigas.

Sua carreira filosófica, no início, foi marcada pela influência do positivismo lógico e, em particular, Carnap. Porém, nos anos sessenta (1960) e setenta (1970) ele começou a desenvolver uma clara e distinta posição filosófica inteiramente sua. Na filosofia de ciência, Putnam rejeitou seu passado positivista e defendeu uma forma de realismo, a concepção segundo a qual as teorias científicas maduras são (aproximadamente) verdadeiras. A sua contribuição original foi sugerir que o realismo científico seja compreendido e defendido como uma hipótese empírica de alto-nível: a melhor explicação do sucesso das ciências maduras foi que elas eram aproximadamente verdadeiras e a maioria das condições nessas teorias se referiam a entidades reais.

Na filosofia de mente, novamente, Putnam adotou uma posição realista. Ele negou que os estados mentais possam ser reduzidos ao físico, aos estados cerebrais, razão pela qual é possível imaginar criaturas com constituições físicas diferentes – pessoas, alienígenas, talvez robôs – que têm os mesmos estados mentais, mas com cérebros diferentes ou não. Em seu lugar ele sugeriu uma posição conhecida como funcionalismo, que concebe a mente como análoga a um computador. A psicologia, assim compreendida, é uma descrição do software abstrato do organismo pensante.

Uma terceira posição influente que emergiu durante este período realista foi o externalismo semântico. Putnam nos pediu que considerássemos um mundo exatamente como o nosso, exceto que em vez de água, ele contém uma substância com todas as mesmas propriedades totais – é líquido, refrescante, etc. – mas com uma microconstituição diferente, XYZ, não H₂O. Acontece que os habitantes deste mundo também chamam esta substância de água. Agora, imagine que neste mundo há alguém fisicamente idêntico a você sob todos os aspectos. Vocês dois se encontram numa piscina de material líquido e refrescante, e têm o pensamento “a água está refrescante”. Vocês pensam a mesma coisa? Putnam argumenta que não, uma vez que o que é pensado é diferente em cada caso. É sobre H₂O para você, XYZ para seu gêmeo. Porém, visto que por esta hipótese vocês são fisicamente idênticos, essa diferença não pode ser considerada para qualquer estado interno. Significados, como diz Putnam, não estão apenas na cabeça.

As primeiras dúvidas em relação ao que fez de original para o realismo emergiram quando Putnam percebeu que seu argumento científico em favor do realismo funcionaria usando qualquer definição de verdade – realista ou anti-realista. Se isso for assim, então aí parece não mais necessário considerá-lo como um argumento para o realismo científico do que para o anti-realismo. Além de que, usando resultados técnicos a partir da teoria-modelo, Putnam alegou provar que ninguém pode esboçar uma distinção entre justificação ideal e verdade. Isto levou Putnam a adotar o “realismo interno” : uma posição que busca dar sentido a noções como verdade ao empregar conceitos (como justificação) internos a nossa prática não-filosófica. Normalmente, isto é interpretado como uma versão de anti-realismo visto que Putnam parece estar sugerindo que não há nada mais para a verdade do que a justificação ideal.

As suas concepções atuais refletem um trabalho através das tensões implícitas em seu funcionalismo, externalismo e realismo interno. Em primeiro lugar, considere a relação entre

funcionalismo e externalismo. Se há mais a significar do que aquilo que entra na cabeça, então estados funcionais, compreendidos como estados internos do organismo, não podem realmente ser estados mentais. Putnam também chegou a ver que a sua defesa do funcionalismo é, pelo menos parcialmente, responsável pela convicção das pessoas de que o seu realismo interno ainda é, contudo, outra versão de anti-realismo. Se nós nos limitarmos somente ao que é interno à nossa visão de mundo, então dada uma história funcionalista dos estados mentais, pode parecer um mistério como nossa mente ou linguagem se conecta com a realidade. Pode parecer então, que Putnam está oferecendo um construto anti-realista do significado e da verdade para superar estes problemas. Por estas razões, entre outras, Putnam abandonou seu funcionalismo e modificou seu realismo interno. Agora ele argumenta a favor do que chama de uma ingenuidade deliberada ou realismo com um *r* pequeno. A mente não deve ser pensada como um órgão, mas como um “sistema envolvendo capacidades complementares”. Putnam também está ansioso para reanimar os sentidos pré-filosóficos e metafisicamente inocentes de termos como realismo e significado. Fortemente influenciado pelo trabalho do “segundo” Wittgenstein, hoje Putnam evita o teorizar filosófico direto. Ao invés disso, ele oferece descrições de nosso uso de palavras como significado e verdade e insiste na importância de considerar que papel estes usos cotidianos desempenham em nossas vidas.

Putnam amanhã? Bem, não podemos descartar a possibilidade de outra mudança de idéias.

©Jack Ritchie, professor da University College Dublin

Original do autor

Tradução: Heraldo Aparecido Silva para o Centro de Estudos em Filosofia Americana

Observação.

Texto cedido ao Centro de Estudos em Filosofia Americana para tradução e divulgação. Para cópia e divulgação, basta informar a propriedade do CEFA, a fonte e o tradutor. Pedimos a gentileza de comunicar ao CEFA a utilização do texto: Fran: fghi29@yahoo.com.br